

T  
E  
R  
R  
O  
R  
B  
R

F. NATAL



UM CONTO DE NATAL



# DARK

MÁRCIO BENJAMIN

VOLUME

6

"ACONCHEGO  
É SOFRIMENTO".



DARKSIDE



UM CONTO DE NATAL  
**DARK**



FOR  
MÁRCIO BENJAMIN

# UM CONTO DE NATAL DARK

## E. NATAL

MÁRCIO BENJAMIN

Do que J. não sabia era que M. não lhe tinha dito toda a verdade. Ela se lembrava do sonho, viu quem morria no final.

E seria ele.

Naquela época, após a chegada da primeira estrela, já não havia mais surpresas, de nenhum tipo.

Eram tempos da mais plena desesperança, ideais para salvadores imediatos, tão urgentes quanto macarrão instantâneo.

M. era mais jovem quando a primeira cruzou o céu. Ela se lembra de cada detalhe daquela passagem, do feixe tão colorido; se recorda de que não conseguiu conter o riso, perguntando ao pai o que danado era aquilo, tão bonito.

Mas a alegria durou muito não.

O primeiro impacto foi imediato, seguido de vários outros ao redor do mundo, noticiados com o devido alarde quando ainda havia redes de notícias em todo o planeta.

Como não poderia deixar de ser, vieram os efeitos.

Florestas queimaram em fogueiras, animais se devoraram enlouquecidos, a estranha nuvem espalhou-se sobre o globo terrestre como a névoa de uma implosão. Já a maior estrela despejou-se perto da costa e muitas cidades foram inundadas, desaparecendo debaixo d'água pra nunca mais, como sendo um reino encantado das histórias que a Bisa lhe contava.

M. sempre lembrava dos piores dias, quando precisava abrir a lata de carne em conserva. Guardou com muito cuidado uma faca pequena, amolada nas paredes, que parecia andar diminuindo. Como si mesma.

Ela e J. estavam já há muito tempo no abrigo improvisado. Aquele era diferente dos outros, ainda muitas fotografias espalhadas da família que viveu naqueles outros dias, tão distantes agora.

M. não gostava. Andava se acostumando com lugar, quase acolhida. Apertou os olhos espantando pra bem longe o pensamento. Nunca foi de se iludir.

“Aconchego é sofrimento”, lhe dizia J.

M. sacudia a cabeça concordando. Respeitava muito. Não. Não só isso. Ela o admirava. Era mais velho, experiente. Talvez o amasse? Talvez, mas também não gostava de pensar nisso. Não havia mais tempo para amor.

Ela se lembra quando viu o primeiro deles. Aproveitou um descuido do pai e saiu pela porta da cozinha, em silêncio.

Estranhou o brilho do sol e acabou se esquecendo de voltar pra casa. As ruas vazias, repletas de lixo, eram um convite à solidão, com a qual iria se acostumar em pouco tempo. Brincou até que o dia, agora acanhado, descansasse no horizonte.

Esse foi o seu erro.

— M.!

Era o grito do homem, na porta. No rosto, uma expressão de pavor completo que ela nunca tinha visto.

Mas ele não olhava pra ela, olhava?

M. arrepiou-se quando sentiu atrás de si a imensa sombra. Cheirou da podridão lhe ardeu o nariz.

Seu pai correu como nunca, a pegou pelo braço e conseguiu que entrasse em casa.

M. foi salva. O homem não.

Já sentindo a gordura velha da carne, ela fechou os olhos. Não havia mais prazer em comer. Mas a necessidade era maior. Era responsável por algo. Precisava.

Sentiu o arrepio voltar quando escutou forçarem o trinco da porta.

Ergueu a faca em ameaça e instintivamente colocou a mão sobre a barriga.

Viu afinal J. entrar com alguns pacotes e esboçou um sorriso aliviado.

— Você tá doida? Essa porta aberta? — sussurrou ele, bastante irritado.

M. não tinha o que dizer, andava perdida, aérea. Desde o sonho.

Falava com seu pai, mas não era só isso, era como se alguém vestisse a pele dele. Em uma voz doce lhe falava de uma criança, de uma missão, lhe falava de uma esperança.

Era preciso a todo custo proteger o filho, o único jeito, uma última chance.

E o mensageiro lhe tocava com uma firme delicadeza, de uma forma que ninguém havia feito antes. A voz no ouvido lhe pedia calma, coragem.

Enquanto lhe abria as pernas.

Com tantos dedos.

E M. acordou repleta de um tremor úmido bem lá embaixo.

E sentiu-se plena.

— A gente precisa ir embora daqui — disse J.

Do mesmo jeito que antes, apenas socou na bolsa puída os poucos pertences e seguiu o companheiro em busca de algo melhor. Confiava nele, não confiava?

Faz alguns meses que o sonho voltara, o mensageiro novamente lhe disse da responsabilidade e do futuro. E lhe falou de J. Da segunda e definitiva estrela.

J. seguiu na frente, de arma engatilhada e lhe mandou tomar cuidado. M. respirou fundo, protegeu a barriga com a mão e correu como nunca.

Subiram no que sobrou da CG 160 antiga, encontrada um dia qualquer como que por milagre. A gasolina rara, recolhida dos carros abandonados em porções cada vez menores. Estava queimando depressa. O litro e pouco lutando o que podia dentro do tanque quase vazio.

Até que no céu uma imensa estrela surgiu, decidida.

E bem em frente a ambos, inúmeros, incontáveis, aguardavam a passagem do casal como se sempre estivessem por ali.

— Corra, M.! — diz J. descendo da moto e atraindo pra bem longe o mar das imundas criaturas.

Cada vez mais enormes e assustadoras, um amontoado de braços, pernas, cabeças em uma ofensa direta ao criador buscando o que lhes era de direito.

Comungando entre si o que foi J.

Braços, pernas.

Cabeça.

O corpo e o sangue.

M. sabia o que fazer, o sonho lhe disse.

— Vai ficar tudo bem, meu filho, vai ficar tudo bem. — M. repetia, também pra si, enquanto acarinhava a barriga protuberante.

Pediu perdão a J. e acelerou com a força que tinha, seguindo em frente; tentando alcançar um futuro, ainda que sombrio e incerto, como eram aqueles tempos.

**MÁRCIO BENJAMIN** é um escritor natalense, resiliente e obstinado, do Estado do Rio Grande do Norte. Formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, também é advogado, e costuma estar sempre — de uma forma ou de outra — tentando mostrar aos outros um pouco do que se passa em sua cabeça. *Maldito Sertão* foi o seu primeiro livro impresso, uma coleção de histórias curtas e poderosas. Lançado em 2012, foi considerado um dos melhores livros de 2012 e 2013 pelo Troféu Cultura Potiguar — reza a lenda que está prestes a conhecer as telas do cinema. Depois do “verdinho” *Maldito Sertão*, Márcio lançou seu livro *Fome*, e posteriormente *Agouro*, projeto aprovado na Lei Djalma Maranhão, através da Prefeitura de Natal. Prolífico, Benjamin também é roteirista de webséries (*Flores de Plástico*, *Holísticos*, *Dê seus pulos*, *As Primas* e *Enfim S.O.S.*), curtas (*Erva Botão*, *Linha de Trem*, *Pela Última Vez*, *Bucho de Peixe* e *Agouro*), e longas-metragens (*Quebrando o Gelo* e *Fome*). Gosta de pensar que poderá escrever pra sempre. Pelo menos é o que prometem as vozes em sua cabeça.

UM CONTO DE NATAL  
**DARK**



[DARKSIDEBOOKS.COM](http://DARKSIDEBOOKS.COM)